

O Potiguar

Ano II Nº 10

Janeiro/Fevereiro 99

R\$ 1,00



JESUÍNO BRILHANTE
O CANGACEIRO ROMÂNTICO



Natureza I O Rio

Vi-o na infância: um córrego de prata
Fluindo ao pé de rústica montanha
E a voz erguendo, sonora e estranha
No mistério bucólico da mata.

Foram-se os tempos. E a corrente ingrata
Não mais as flores na planície banha...
Fez-se caudal de cólera tamanha
Que os penedos e as selvas arrebatam

O doce arroio trêmulo e cantante
Espalha agora a espuma rutilante
Por campos e vargedos solitários...

E entra a floresta que palpita e sonha,
Alta, frondante, viride e risonha,
Nos gorgeios agreste dos canários.

II A Floresta

Vive deserta e só, de folhagem despido
O velho cimo azul, dantes virente e belo,
Onde a cauã soltava o profundo gemido,
Sobre o ramo aromal do pau d'arco amarelo.

Cantava em cada fronde um madrigal sentido;
Pelas moitas, ao sol, quanto idílio singelo,
Quer desnudasse o outono o balseiro florido,
Quer o inverno caísse amortalhado em gelo.

Outrora era um prazer: virgens de saia curta,
Como um grupo gentil de alados gaturamos,
Vinham, em bando alegre, à colheita da murta

E hoje sem rouxinóis, e hoje sem verdelinhos,
Vive apenas a dor a palpitar nos ramos
E a saudade a gemer pelos desertos ninhos.

Gothardo Netto

Transcrito do jornal "A Capital", 01 de maio de 1909.

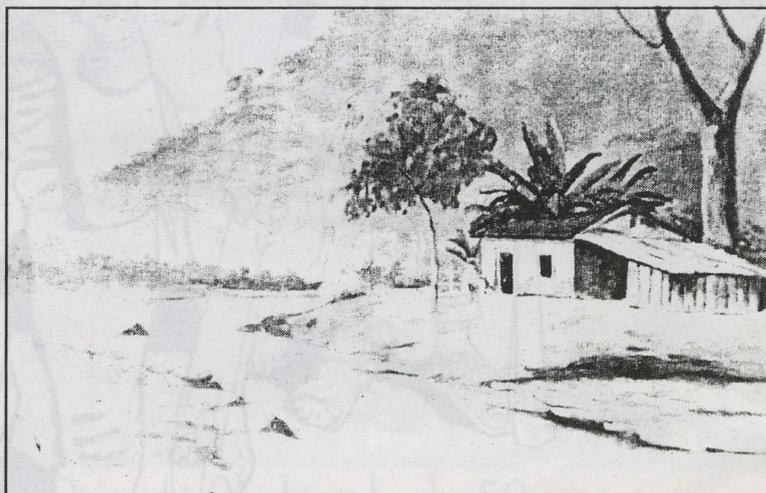


Ilustração: Cícero Vieira

EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-Arandi Sales
Editor	Capa
-Moura Neto	-Emanoel Amaral
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D. Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste.

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400



-UNBEC-
COLÉGIO MARISTA DE NATAL
100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-55005- Fax:(084)212-1216-
http:www.natal-marista.com.br-natep
@natal-marista.com.br

Fandango

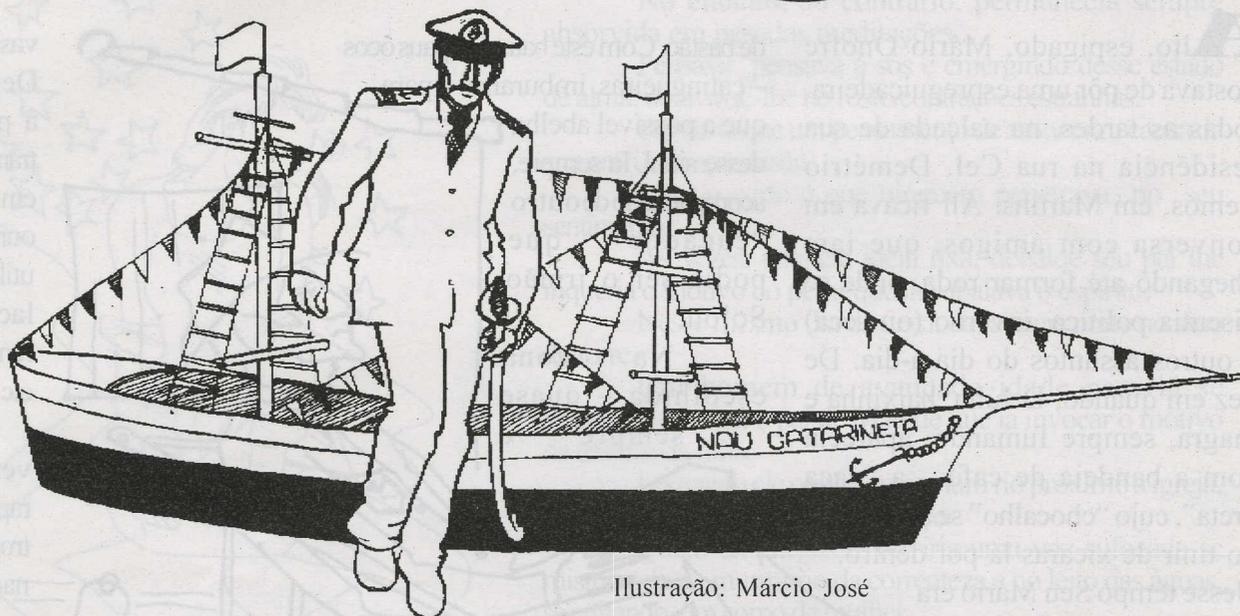


Ilustração: Márcio José

Auto popular de origem Ibérica, cuja a representação consta de romance, dança, música, anedotas, ditos, lendas e orações, relembrando episódios da vida marítima: o núcleo central desenvolve-se em torno da velha xácara Nau Catarineta que sofre os efeitos de uma tempestade em alto mar e vaga durante 7 anos e 1 dia. Não dispondo mais de alimentos, a tripulação passa a comer sola de sapato, o que não foi possível devido a rigidez da sola. Buscam outra alternativa que foi sortear um dos membros da tripulação, e a escolha recai sob o comandante do navio. Afrito, ele apela para todos os recursos, é quando acontece o milagre, o inesperado, o gajeiro sobe mais uma vez ao mastro e avista terras de Portugal e Espanha. Afinal, todos salvos.

Este auto nordestino data do início do século passado, quando fazia-se fandango em quase todas as vilas e cidades da zona da mata e parte do sertão nordestino. Atualmente, esta importante manifestação folclórica está em fase de extinção: não temos conhecimento de sua presença nas citadas regiões, entretanto, podemos afirmar a existência de um único grupo, “este

para nossa grandeza folclórica está localizado no Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Canguaretama”, onde o espetáculo ainda mantém os traços mais autênticos desta importante manifestação cultural.

Em Canguaretama, este grupo é comandado pelo mestre Antônio Lima, remanescente de uma tradição secular que começou com seu pai Manoel Francisco de Andrade (Mestre Manoel Lima), cujo aprendizado herdou dos seus antepassados que na segunda metade do século passado já brincavam em toda região litorânea do Estado.

Sua apresentação não tem tempo determinado de duração, pode acontecer por uma hora ou por toda noite, ao som de instrumento de percussão e de um sapateado próprio. O grupo é formado por uma tripulação de 40 marujos, entre mestre, capitão, comandante, piloto, cirurgião, gajeiro, vassoura, sabóia, ermitão e ração.

Severino Vicente

Membro da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore



CENTRO DE EDUCAÇÃO INTEGRADA

1999 - 27 anos ensinando a pensar

Educação Infantil - Ensino Fundamental-Ensino Médio

Rua Cel. João Medeiros, 1976 - L. Nova - Natal/RN Telfax: 231-0019 - E-mail: cei@digi.com.br

O Caçador de Jandaíra

Alto, espigado, Mário Onofre gostava de pôr uma espreguiçadeira, todas as tardes, na calçada de sua residência na rua Cel. Demétrio Lemos, em Martins. Ali ficava em conversa com amigos, que iam chegando até formar roda, onde se discutia política, inverno (ou seca) e outros assuntos do dia-a-dia. De vez em quando, D.Júlia, baixinha e magra, sempre fumando, aparecia com a bandeja de café – a “vaca preta”, cujo “chocalho” se anunciava no tinir de xícaras lá por dentro. Nesse tempo Seu Mário era funcionário aposentado dos Correios. Já longe ia seu tempo de caçador.

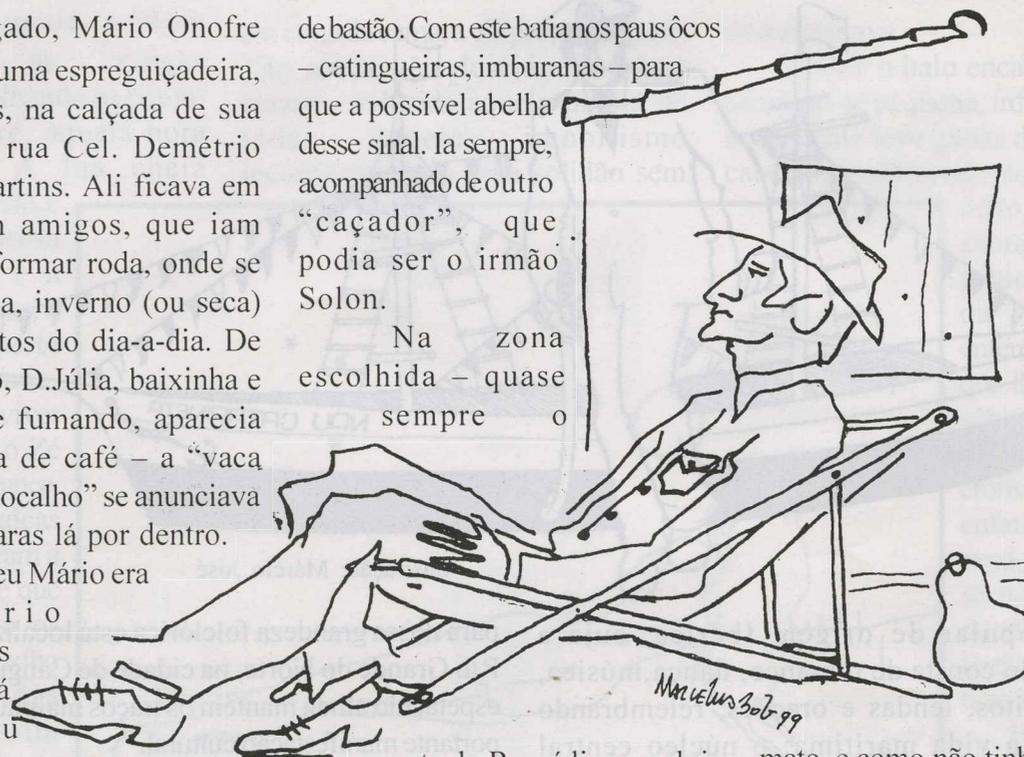
Caçava apenas jandaíra, moça branca, canudos e outras espécies de mel silvestre. Em seu quintal mantinha uma latada cheia de cortiços, a que as lagartixas não davam trégua.

Na fazenda Lagoa, de propriedade de um seu sobrinho, no atual município de Umarizal, Seu Mário fez caçadas de jandaíra que se tornaram célebres. De uma delas voltou com quatro cabaças cheias de mel até o gogó.

Cada caçada durava um dia inteiro. Seu Mário saía de casa, de manhãzinha, munido de cabaças, machado, cantil d’água e uma espécie

de bastão. Com este batia nos paus ôcos – catingueiras, imburanas – para que a possível abelha desse sinal. Ia sempre, acompanhado de outro “caçador”, que podia ser o irmão Solon.

Na zona escolhida – quase sempre o



serrote do Remédio – os dois iam derrubando árvores à medida em que achassem nelas a “caça”. Jandaíra tinha muito. Moça branca, pouco. Jati – que é abelha sem futuro -, um ou outro. Canudos não dava ali no Sertão.

De tardezinha, quando não restava cabaça a encher, os “caçadores” retornavam com vontade de chegar em casa, para pegar a “bóia”. Também, haviam passado o dia sem comer outra coisa fora mel e saburá.

Em casa o mel das cabaças era coado num pano e posto em garrafas, na despensa. A cera que ficava, derretia-se numa

vasilha ao fogo. Depois de a purada, transformando-se em bolões cor de ouro, tinha várias utilidades, como lacrar silos, remendar tigelas, etc.

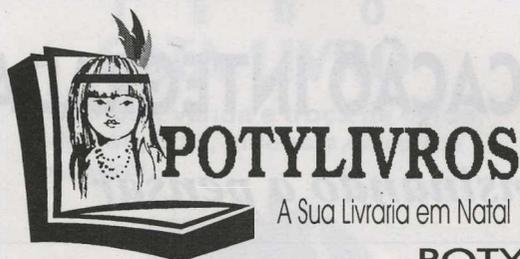
Certa vez, quando rapaz, Seu Mário trouxe para casa nada menos que uma onça. Encontrara-se de supetão com a bicha no

mato, e como não tinha no momento outra arma, sentou o machado em cima dela, até matá-la. E ainda salvou o couro da pintada.

De outra feita, achou no pé do serrote do Remédio um ninho de ema. Ovos em grande quantidade. Como não tinha vasilha ou saco para levá-los, despiu a calça, amarrou as bocas com cipó, e a encheu de ovos. Chegando perto de casa, em cueca, escondeu-se por detrás de uma cerca e gritou para que um dos filhos viesse buscar o estranho carregamento.

Manoel Onofre Jr.

Transcrito do livro *O Caçador de Jandaíra*. Edições Clima, Natal, 1987.



Rua Felipe Camarão, 609
Rua Felipe Camarão, 628
CEP: 59025-200
Telefax: (084) 221-2001
E-Mail: potylivros@digi.com.br

POTYLÂNDIA
Av. Senador Salgado
Filho, 1973
CEP: 59078-00
Fone: (084) 231-7170
Telefax: (084) 231-1448

DISQUE-LIVROS



(084) 211-2001

E-Mail: potylivros@digi.com.br

Você telefona e recebe em sua casa o LIVRO de sua preferência, inclusive livros didáticos

O Ouro...



Quem naquela hora penetrasse na casa de Jerônimo, se comoveria diante da cena que então se passava.

Em um leito de morte, jazia o pobre velho sentindo no peito a vida quase extinta.

Após haver ingerido algumas gotas de um líquido que uma criança lhe trouxera, caiu num forte delírio e clamava a Deus para findar a sua agonia.

Três anos depois do passamento do tio de Matilde, havia festa na mesma casa.

Fora, como nos anos anteriores, crepitava a enorme fogueira tradicional com que seu pai solenizava os anos do Batista e o aniversário dessa menina que coincidia com aquela data.

A rapariga contava mais ou menos doze anos; era bela, querida por muitos e dispunha de um patrimônio que o tio lhe deixara. O indispensável, portanto, para nesse meio lustrado de vida, ser feliz e antever um futuro cheio de promessas...

No entanto, ao contrário, permanecia sempre absorvida em pesadas meditações...

Pensava...pensava a sós e emergindo desse estado de alma, notava-se-lhe no rosto contrações estranhas.

Dir-se-ia que um pensamento de amor era a causa da sua profunda apreensão.

Mas, o certo é que ninguém penetrava no seu sentimento.

Às vezes, naquela idéia fixa, de balde seu pai lhe inqueria o motivo do pesar que lhe abalava o espírito.

Nesse mesmo dia da festa, dava meia noite no sino da torre.

Um homem de avançada idade para lá se encaminhava. Era o pai de Matilde que ia invocar o motivo da tristeza da filha.

Enquanto ele orava, ouviu num rio próximo à igreja, uns gritos que se perdiam no espaço.

Quem ali chegasse, ouviria uma voz sufocada se misturando ao murmúrio da correnteza e no leito das águas, se agitando, um corpo de mulher.

Um quadro horrível ali se desenhava.

Os gritos, percebidos, não preocuparam de forma nenhuma o pobre velho. Mas, perdera de vez a noção da vida, após suas orações, ao receber nas mãos geladas uma lousa que pusera aos pés do altar. Ela continha umas quadras que, apesar da vaga significação, deixavam perceber a narrativa de uma tragédia.

As quadras era estas:

*O ouro às vezes tudo alcança,
Traz-nos o bem e é fatal...
Por isso, até na criança,
Incute a idéia do mal.*

*No seu predomínio, tanto
Ele que execra e redime,
Tingiu da inocência o manto,
Com as cores rubras do crime.*

*Ela que tudo arrepende
E vai lavar seu pecado...
Agora, sua alma esplende,
Voando num céu constelado.*

E ao ler esse tremendo epílogo, que mais parecia um pesadelo e não o destino explicando o desaparecimento do irmão, o desgraçado desfalecera cheio de horror.

Lucas da Costa

Transcrito da coletânea Rapa-coco, Natal, 1916.

20
Anos

GRUPO DINÂMICO

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

Cursinho Dinâmico
Pré Vestibular
Rua José Alencar, 818
Fone: 222-0991-Cidade Alta

Colégio Dinâmico
Ensino Médio e Fundamental
(1º a 2º Graus)
Rua José de Alencar, 818
Fone: 222-0992-Cidade Alta

Centro Dinâmico de Educação
Educação de Jovens e Adultos
Av. Deodoro, 817-Fone: 221-1169
Cidade Alta

Carro caído



Manuel Sobrinho

O negro vinha da Aldeia Velha, servindo de carreiro. O carro tinha muito sebo, com carvão nas rodas e chiava como frigideira. Aquilo não se acaba nunca.

Sua Incelência já reparou os ouvidos da gente quando está com as maleitas? Pois tal e qual.

O carreiro era Charapim: acudia pelo nome de João, como eu. Deitou-se nas tábuas, enquanto os bois andavam para diante, com as archatas marejando suor que nem macacheira encruada.

Levavam um sino para a capela de Extremoz. Na vila era povo como abelha, esperando o brônzeo para ser batizado logo.

João de vez em quando acordava e catucava a boiada com a vara de ferrão.

Eh! Guabiraba! eh! Rompe Ferro! eh! Manezinho!

Era lua cheia.

Sua incelência já viu uma moeda de ouro dentro de uma bacia de

flandres? Assim estava a lua lá em cima.

João encarou o céu como onça ou gato do mato. Pegou no sono, e o carro andando...

Mas a boiada começou a fracatear, e ele quando acordava, zás! tome ferroadá!

Os bois tomaram coragem à força. Ele cantou uma toada da terra dos negros, triste, triste, como quem está se despedindo.

Os bois parece que gostaram e seguraram o passo.

Então ele pegou de novo no sono.

Quando acordou, os bois estavam de novo parados.

-Diabo! e tornou a emendá-los com o ferrão.

A coruja rasgou mortalha. João não adivinhou, mas a coruja era Deus que lhe estava dizendo que naquela hora e carregando um sino a casa de Nosso Senhor, não se devia falar no maldito.

Gritou outra vez:

-Diabo!

O Canhoto então gritou do inferno:

-Quem é que está me chamando?

João a modo que ouviu e ficou arrepiado. Assobiou para enganar o medo; tornou a cantar a toada, numa voz de fazer cortar coração, como quem está se despedindo.

Pegou ainda no sono uma vez, se a luz da lua escorrendo no céu era que nem dormideira!

Quando acordou – aquilo só mandado! – A boiada estava de pé.

-Diabo!

O maldito rosnou-lhe ao ouvido.

-Cá está ele.

E arrastou o carro para dentro da lagoa com o pobre do negro, os bois e tudo.

Estou que ele nem teve tempo de chamar por Nossa Senhora, que talvez lhe desse socorro.

Mas ainda está vivo, debaixo d'água, carregando...

Sua incelência já passou por aqui depois da primeira cantada do galo no tempo da quaresma? Quando passar faça reparo: - Canta carreiro, chia o carro, toca o sino, e a boiada geme...

*Herinque
Castriciano*

Transcrito do livro Natureza e História do Rio Grande do Norte, primeiro Tomo (1501-1889) Imprensa Oficial, Natal, 1950.



LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO
RIO GRANDE DO NORTE

Rua Prefeita Eliane Barros nº 2000 Tirol

Bares e cabarés de Natal nos anos 60



*Era o vício que se tinha,
visitar, depois da aula,
Francisquinho, Zefa Paula,
Acapulco e Francesinha.
Otávio, Raquel, Aninha,
Arpege, Plaza, Ideal,
Rita Loura, que Legal,
eu recorde, em minha loa,
Virgínia e Maria Boa,
que era a melhor de Natal.*

*A Ribeira era um tesouro,
lá na Quinze de Novembro,
com saudades, eu relembro,
Magrifi e Rosa de Ouro.
Quem ia furar o couro,
no Bar da Tripa, passava,
na Pensão Coimbra dava,
um beijo numa pequena,
no Beco da Quarentena,
certamente, se encantava.*

*Cleide Drinks era cheio,
e lá na Tenda Cigana,
se tomava muita cana,
na velha Praia do Meio.
Fazendo grande arroteio,
nas Quintas, se ia bater.
No Soçaite, espaipecer,
depois de comer cióba,
ia à Maria Taióba,
continuando a beber.*

*Voltando à Velha Ribeira,
lá na boite Alabama,
com a cara cheia de rama,
na Rua São Pedro inteira.
No final da brincadeira,
Duruca fazia ali,
ensopado de siri,
e quem passasse batido,
comia o peixe cozido,
na Peixada Potengi...*

Bob Motta

Membro da Academia de Trovas/RN

CDT

**CASA
DO
FERA**



Quem aprende não esquece

Av. Deodoro, 907 - CENTRO - NATAL/RN
AV. Prudente de Moraes, 2124 - TIROL - NATAL/RN
- FONES: 211 6607 / 222 7097



**COLÉGIO E CURSO
FERRO CARDOSO**

A MELHOR DEFINIÇÃO DE ENSINO

*1999 - Ano do Quarto Centenário da
Cidade do Natal.*

Av. Prudente de Moraes, 4890-Lagoa Nova- Fone: 206-3331/
234-3029 - Praça André de Albuquerque, 12-Centro-
Fone:211-2644/222-9910.

Jesuíno

Na história dos cangaceiros, heróis-e-bandidos, como chamou Gustavo Barroso, Jesuíno Brillhante é o primeiro na memória do Oeste norte-rio-grandense. Deixou funda lembrança de valentia, destemor e fidalguia. Era o out-law gentilmente, imperioso, arrebatado, incapaz de um insulto por vaidade ou de uma agressão inútil. Tem a popularidade inestinguível de um Robin Hood, o selvagem Rei de Sherwood ou de um Stenka Razin, soberano dos barqueiros do Volga. Sua figura é haloadada pela admiração coletiva. Contam suas façanhas, predicados, gestos, caridades, num orgulho em que há participação psicológica de solidariedade instintiva. Jesuíno foi o vingador das moças ultrajadas, dos anciãos humilhados e das crianças indefesas. Era irresistível. Estava em toda a parte. Seu nome espavoria o inimigo. Ninguém o viu morrer. Viveu perigosamente, arrogando-se a invulnerabilidade dos predestinados.

O cavalo de Jesuíno Brillhante era "Exalação" ou "Peixe Branco", segundo outros. Advinhava as emboscadas e livrara o amo, saltando, caindo, reerguendo-se como se tivesse cursando uma escola de luta aberta. O clavinote de Jesuíno nunca errou um tiro. O punhal varava patacão de prata sem virar a ponta. Jesuíno jamais praticou uma crueldade. Nunca se alugou às vinditas alheias. As lembranças evocam sua vida como de um guerreiro nacional, credor de homenagens. De Patu, Pau dos Ferros, Açú, Mossoró, Caraúbas escreviam-me sugerindo que estudasse o grande valente sertanejo. Um fã das Várzeas do Açú informava: estude-o com simpatia. Jesuíno é uma glória do sertão...O versinho, vivo nas cantigas sertanejas, diz bem essa tradição ininterrupta de afetuosidade. A desonra seria a

perda das armas ou a rendição. Jesuíno morreu armado e não fora preso. Morreu combatendo. Morte de homem-macho, resmungando as velhas bocas, incapazes de perdoar a covardia.

Meu pai, que combateu o negro assassino e bestial Rio Preto, dizia-me que esse lutava cantando. Só uma cantiga que era assim:

Rio Preto foi que disse,
E como disse não nega
Leva bala e leva chumbo,
Morre solto e não se entrega...

Reparem a frase: morrer solto. O essencial não é viver. É viver armado e mandando. Quando a hora chegar para morrer, morresse solto, com a liberdade do embate. Morrer, matando. Mas o sinistro preto rendeu-se e morreu preso. Jesuíno Brillhante cumpriu o destino espetacular da herança guerreira:

Morreu no campo da Honra;
Sem se entregar à prisão...

Toda minha família materna o conheceu de perto. Minha mãe brincou com suas filhas. Para comparar-se Jesuíno com o abjeto Lampião, a distância é incalculável. Quando Hugolino de Oliveira, em Caraúbas, conversou com Dona Maria Umbelina de Almeida Castro, com 80 anos, ouvia-se dizer, convicta: Jesuíno foi um homem, homem de caráter e de vergonha, homem de palavra. No tempo de Jesuíno honra de moça e de mulher pobre tinha defesa...

Esse é o vestígio deixado por um cangaceiro, morto há sessenta e três anos...

Jesuíno Alves de Melo Calado, nasceu no sítio Tuiuiú, sete quilômetros da cidade de Patu, no Rio Grande do Norte, em 1844. O Pai, João Alves de Melo Calado, era pacato e tranqüilo. Jesuíno até os 25 anos salientava-se por ser caçador feliz, comboeiro incansável e vaqueiro magnífico. Baixo, robusto,

claro, espadaúdo, era arruivado, olhos azuis, meio fanhoso e tato, assim me descrevia o padre Antônio Brillhante na noite de 14 de maio de 1940. Ewerton Dantas Cortez ouviu em Mossoró ao sr. Romão Filgueira e Hugolino de Oliveira fez um verdadeiro inquérito em Caraúbas-Patu-Augusto Severo. Li o romance "Os Brillhantes", de Rodolfo Teófilo, muito contraditado pela família, o capítulo que



Jesuíno, com um faro incrível, descobriu a cabra dentro de uma panela. A desavença entre os Calados e os Limões se iniciara. Os Limões eram do Camucá e os Calados do Tuiuiú, casas a uma légua da rua do Patu. Numa noite de Natal os Limões agrediram Lucas e feriram-no. Jesuíno matou Honorato no outro dia, 25 de dezembro de 1871, a punhal, numa bodega do Patu. Os Limões assaltaram a fazenda Cajueiro onde os Calados estavam, despedindo-se, pois o pai lhes ordenara que deixassem Patu, e mataram José Ferreira Calado, primo e amigo. A guerra pegara. Daí em diante é uma sucessão de tiroteios e punhaladas, ataques inopinados, defesas miraculosas, heroísmo desesperado tendo por testemunhas as pedras das serras às sombras das oiticicas.

Os Limões são protegidos

Brilhante

pelos políticos de Brejo do Cruz e do Catolé do Rocha, na Paraíba. Enviaram homens para reforçar a vingança. A caçada humana se multiplica na ferocidade do ambiente livre onde a razão pertence a quem derruba o adversário.

Em 1872, Jesuíno matou



Ilustração: Emanuel Amaral

Francisco Limão no próprio Camucá, numa expedição doida que deu certo. Os inimigos envolviam toda a família dos Alves Calados como cúmplices. Prisões arbitrárias, vida selvagem e errante, ausência de justiça, impossibilidade de punição, armavam os braços para o direito pessoal da desafiante.

Nesse meio há seca. Escoltas de soldados, guiados pelos Limões procuram Alves. Incêndios, depredações, violências sob a égide da lei, bem longe da verificação. Jesuíno Brilhante, com Benício, João Delgado, Antônio Duó, José Antônio a quem chamavam "Padre", Lucas, João Alves, Manoel Pajeú, Manuel de Ló, Antônio Simplicio, Manuel Pirí e o escravo José, viajam sem cessar.

Nessas perseguições, velhos,

mulheres e crianças são respeitados. Não podiam trabalhar nem confiar na justiça. Escrevem, pedem. Recebem e distribuem.

Nunca existiu dinheiro. Não entendia o funcionamento dos víveres que o Governo mandava para as regiões queimadas pela seca. Tomava os comboios e dava tudo para os flagelados. Piorava a situação mas pensava fazer um bem. Ia às vilas obrigar os rapazes ricos ao casamento com as moças pobres que tinham seduzido. Dizia-se "padrinho". O marido ficava um anjo do céu...

Uma vez, em 1877, prenderam Lucas, inocente completo, e o levaram para a Cadeia de Pombal. Jesuíno, com seis companheiros, voou em auxílio do irmão e soltou-o, espatifando as portas da cadeia a machado.

Um ano antes, 1876, com dez homens, foi à cidade da imperatriz (Martins) buscar uma moça na casa de Porfírio Leite Pinho. Era o cúmulo do atrevimento. O destacamento policial, comandado pelo alferes João ferreira de Oliveira, ajudado por paisanos e autoridades, inclusive o juiz de Direito, dr. José Alexandre de Amorim Garcia, cercou Jesuíno num casarão e as descargas começaram dentro da noite. De súbito, Jesuíno e os seus homens cantavam, sem parar, batendo o compasso nas latas que encontravam:

- Curujinha que vida é a tua?

Bebendo cachaça, caindo na rua?

E o coro respondia:

Isto é bom Curujinha!

Isto é bom!...

E iam arrombando as paredes duma para outra casa. Pela madrugada, depois de uma descarga, desapareceram...

Jesuíno ia sempre a Mossoró, tomando precauções, hospedando-se em casa de amigos. Ninguém, exceto a própria Justiça, o considerava criminoso. Em meados de 1789, com Manuel de Ló e seu cunhado Lúcio, foi a Mossoró adquirir víveres. Jesuíno passou pela porta do Juiz de Direito, dr. Manuel Hemetério Raposo de Melo. O magistrado ficou furioso com a insolência do cangaceiro e, de chambre como estava,

saiu às carreiras para o quartel do destacamento, mandando armar os soldados. Travou-se um tiroteio nas margens do rio. Jesuíno atirava sempre para o ar porque a metade da população de Mossoró acorrera ao local, para assistir ao espetáculo como se tratasse de distração inofensiva.

Lúcio ficou ferido e Jesuíno deixou-o em S. Antônio, onde o farmacêutico Manuel Duarte Vieira, de Mossoró, ia quotidianamente pensá-lo.

A memória popular reaviva os embates tremendos de Jesuíno e dos Limões, cercando estes a célebre "Casa de Pedra", inexpugnável reduto que fora de José Brilhante, na fazenda "Cajueiro", arredores do Patu.

Em fins de 1879, no sítio S. Antônio, município de Brejo do Cruz, na Paraíba, águas do Riacho de Porcos, Jesuíno, com seis fiéis, caiu numa emboscada e foi ferido de morte. Carregaram-no no lugar Palha, no meio do mato..

Anos depois, um seu amigo, o médico Francisco Pinheiro de Almeida Castro, exumou o esqueleto, levando a caveira para Mossoró. Esteve o crânio na Escola Normal, longamente. Por ordem do dr. Castro, o dr. Rafael Fernandes Gurjão entregou-o ao dr. Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Está, possivelmente, perdido para os efeitos de identificação. Caveira não tem letreiro.

As aventuras do guerrilheiro são infundáveis. Cada canto evoca a gesta local. Resta o nome, embriagando e seduzindo os fortes.

Já mataram Jesuíno!
Acabou-se o valentão...
Morreu no Campo da Honra
Sem se entregar à prisão!...

Luís da Câmara Cascudo

(*) Transcrito do jornal "A República", edições de 31 de maio e 07 de junho de 1942

Natal que Manoel Dantas não viu

A cidade do Natal, no ano de 1959, estava longe de ser a “metrópole do Oriente da América” que Manoel Dantas (1867-1924) previu na sua histórica conferência *Natal Daqui a Cinquenta Anos*, proferida no salão nobre do palácio do Governo do Estado, no dia 21 de março de 1909, e que segundo o poeta Jota Medeiros constitui o marco do **Futurismo**,



O lazer era feito nos vinte e cinco clubes recreativos existentes, no Teatro Alberto Maranhão, e nos cinemas, Rex, Rio Grande, Nordeste, São Luiz, São Pedro, São Sebastião, São João e Potengi, além do passeio de barco a motor e a vela até a praia da Redinha, com

antecedendo o Manifesto de Marinetti.

Com uma população de aproximadamente 167.202 habitantes distribuídos em doze bairros – Santos Reis, Rocas, Ribeira, Cidade Alta, Petrópolis, Tirol, Alecrim, Lagoa Seca, Lagoa Nova, Dix-sept Rosado, Quintas e Mãe Luíza – Natal apresentava insuficiência urbanística caracterizada pela modéstia das edificações, precariedade da malha viária, transportes coletivos obsoletos e, sobretudo, ausência de indústrias.

A administração do município, que tinha 489 logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, praças e vilas), era coordenada por três secretarias (Finanças, Negócios Internos e Jurídicos, Viação e Obras) reunindo vinte e seis repartições. Tinha o suporte da Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil, Serviço de Água e Esgoto de Natal, Serviço de Limpeza Pública e o Serviço de Transportes Coletivos que supervisionava as doze linhas de auto-ônibus (Rocas/Matadouro; Jaguarari; Petrópolis/Grande Ponto; Tirol/Grande Ponto; Circular; Lagoa Nova/Alecrim; Avenida 4; Avenida 10; Rocas/Igapó; Grande Ponto/Praça Augusto Leite; Circular via Alexandrino de Alencar; Natal/Parnamirim) e treze linhas de auto-lotação e micro-ônibus, considerados coletivos de primeira categoria, atendendo no horário das 5 às 22 horas com pequenas modificações no percurso realizado pelos auto-ônibus que funcionavam das 5 às 24 horas.

A educação era ministrada por

oito estabelecimentos de ensino Superior (Escola de Engenharia, Escola de Serviço Social, Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuárias, Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Faculdade de Filosofia, Faculdade de Medicina, Instituto Filosófico São João Bosco); quatorze cursos secundários (Colégio Imaculada Conceição, Colégio N. Senhora das Neves, Colégio Santo Antônio, Escola Doméstica, Escola Industrial, Escola Normal, Escola Técnica de Comércio Alberto Maranhão, Escola Técnica de Comércio de Natal, Escola Técnica Visconde de Cairu, Ginásio São Luiz, Ginásio 7 de Setembro, Instituto de Educação do Rio Grande do Norte, Seminário e Instituto Batista Bereiano, Seminário Menor de São Pedro); cento e sessenta escolas mantidos pelo Governo do Estado e noventa e oito “escolinhas” mantidas pela Prefeitura, além de vinte e um cursos particulares.

O sistema de Saúde tinha o atendimento de trinta e seis estabelecimentos (hospitais, casas de saúde e ambulatórios) sendo o principal deles o Hospital Miguel Couto, atual Hospital Universitário Onofre Lopes.

O cemitério do Alecrim continuava a ser o nosso único Campo Santo, “onde o cipreste chora noite e dia a música dorida de saudades pungentes”.

A inexistência de supermercado forçava a população a fazer suas compras nos quatro mercados (Cidade Alta, Alecrim, Quintas e Ribeira) e nas mercearias e bodegas.

saída do porto flutuante do Canto do Mangue.

Os jornais “A República”, “Diário de Natal”, “Jornal do Comércio”, “O Jornal de Natal”, “O Poti”, “Tribuna do Norte” e as estações de rádio, Cabugi, Nordeste, Poti e Emissora de Educação Rural, disputavam os leitores e a audiência da população que tinha poucos divertimentos.

Afora os equipamentos e serviços citados existiam em Natal, “no ano da Graça de 1959”, dez bancos, três bibliotecas, nove cartórios, seis consulados, doze cooperativas, dez agências de correios e telégrafos, treze hotéis, seis pensões, quarenta e sete templos católicos, vinte templos protestantes, dezessete centros espíritas, quatro lojas maçônicas, oito “praças” de automóveis de aluguel, trinta e um sindicatos, nove agências de transportes aéreos, quatro agências de transporte fluvial (Natal/Redinha), vinte e uma agências de transportes rodoviário e a Rede Ferroviária do Nordeste, que fazia o tráfego com municípios dos Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, além da cidade do Recife.

João Gothardo Dantas Emerenciano

Fontes:

Natal Daqui a Cinquenta Anos, de Manoel Dantas. Fundação José Augusto/Sebo Vermelho, Natal, 1996; Guia da Cidade do Natal, de J. A. Negromonte e Etelvino Vera Cruz, Natal, 1958.

Marcelus Bob, A impossível indiferença



Foto: Godeiro Júnior

Diante da obra de Marcelus Bob, só admiração ou repulsa – impossível a indiferença. Pode haver quem veja, como eu, traços glagolíticos em seus Cristos dis-cromatofóricos, evocações de Juarez Machado nas linhas dos seus Repentistas esguios, sugestões macbethianas em suas(seus) Humanóides crípticas(os), auras cromos-quadásicas em suas Paisagens polarizadas. Seu mundo parece revestido por uma luzente redoma de vidro roxazulilás, através da qual só olhares transnormais como o de mutantes de um perryrhodaniano exército de iniciados podem plena-

mente enxergar. Neófitos talvez se choquem com sua cromaticidade caleidoscópica; admiradores da obra de Humberto Eco talvez vejam em suas figuras encapuzadas o eco não de uma idade de trevas, mas uma era de sublevação da cor. Por outro lado, a sombriedade, angulosidade e expressividade taciturna de seus rostos, e seus fugidios efeitos de luz e sombra, paradoxalmente evocam os filmes em P&B de Georg-Wilhelm Pabst. Sua arte nasceu com vocação para o muralismo e para o publicismo, o que faz com que cada polegada de suas telas valha um passaporte

pra outros espaços e dimensões. “Dêem-me uma alavanca e um ponto de apoio e moverei o mundo”, dizia Arquimedes. Observem um pincel e uma tela nas mãos de Marcelus Bob e se permitam ver em ação um Arquimedes da cor. Disse o Barão de Bielefeld (cit. por Poe): “Nada conhecemos da natureza ou da essência de Deus; - para saber o que Ele é, é preciso ser o próprio Deus”. Êmulo dos espaços acromáticos, poeta da cor, Marcelus é um criador de universos psicodelicamente possíveis.

*Edrisi Fernandes**

(*) médico, crítico e poeta

Transcrito do Jornal O Galo, dezembro 98



EMSERV

**Empresa de vigilância e Transporte
de valores LTDA.**

Av. Campo Sales, 682-tel.: (084) 211- 4955-Natal/RN
Rua Epitácio Pessoa, 527-Bom Jardim-Mossoró/RN



A REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE

Rua Agostinho de Almeida, 1885 - Lagoa Nova, Natal-RN,
Fax: (084) 213-6787/213-6791 - E-mail: rn360@cabugi.com.br

Culto e (ou?) cultura

De alguma forma poder-se-ia dizer que nessa era de eufórica globalização o que há de novo é apenas essa exacerbação do nosso pendor ontogenético para o culto. Vamos às telas como quem vai de vela na mão, coração na boca, ainda que não haja grandes motivos para tanto receio. E assim, entrar(mos) no cinema é sempre, de qualquer modo, uma viagem ao desconhecido, um flutuar no vácuo, um teste de nós mesmos. Ainda que crentes no juízo final, de alguma forma nos expomos a esse risco. Por crermos nos arriscamos. Arriscamos para podermos crer. Precisamos de ambos, a crença e o risco. Esse o ponto ótimo onde chegamos.

Mas, cabeças de vento, não pensamos. Essas são apenas histórias vindas de longe. Como parece ser tudo o que nos diz respeito...raízes culturais, tradições folclóricas. História propriamente? ...Pugnas absolvidas ou abençoadas, graças, temos nossos heróis. Uns nomes, umas "estórias", assim emolduradas, ainda que esmaecidas, na sala de visitas, para nossa apresentação, nosso brasão de ouro-de-tolo, nossa identidade oficial, título de nobreza decaída.

E essas duas histórias passam a ter em comum esse caráter de culto, de gozô, de mero rito confirmador. Histórias que não nos pertencem, mas, ao invés, delas somos pertencidos, a elas nos conformamos, quando elas, de nós, se apropriam. Essa a identidade reflexa, em si esgarçada e paradoxal. Esses moldes, padrões, retratos, molduras, para outros feitios, outras medidas, saem-nos funâmbulos, grotescos, burlescos, clowns. Neles vendo-nos, apenas nos é devolvido um reflexo pálido de nós mesmos. Dão-nos pouco para os tratos à bola. Ou seja, fazer



história. Muito longe do centro da ferida, a exigir-nos uma feira de mediações. Ainda assim...

É possível transformar isso em cultura. Tirar o pé desse hedonismo contemplativo, desse culto estéril, digamos dispersivo, um pouco cativante, fragmentado, estilhaçante. E já é meio caminho andado para nossas espertezas, artimanhas, malícias. Temos o jeitinho de estender. Sempre tiramos uma lição. A "mensagem".

Contudo isso é apenas uma contraparte. E aí é que está o X.

Então eu pergunto, é possível dançar essa dança, desse jeito? Organizados apenas pelo mercado. Digamos que agora isso chegou a um ponto crucial. Não se pode pensar só cabeças e emoções pungentes, vertigens, sensações, e esse deleite. Faz cabeças, faz atitudes, faz escolhas. Então a nossa livre opção no jogo do mercado, assim, comprando como quem vai cada um, essa liberdade assim de peito aberto, vai desfazendo cabeças, ditando escolhas, vendendo atitudes. Não que não sobre um nicho pensante. No entanto ainda sendo mercado, dentro dos seus limites.

E nos estreitos limites do mercado fica para nós difícil fazer cabeças, atitudes, escolhas, fazer-nos. Sem respostas. Já que tudo vem de longe. Então o jeito é tornar o nosso jeitinho estratégia. Nossa malícia pensamento organizado (ainda que livre). Ou livre, porque organizado. Colocando suas próprias questões, daqui, de onde estamos. Esse é o nosso ponto. Refazer ao inverso o caminho da economia, do mercado com suas determinações estrangeiras, ainda que nos seus melhores tons, arranjos, perfomances, proposições. Nada será abalado se, embevecidos, nos formos, embalados. Assim apenas prosseguiremos na identidade reflexa do culto, um culto de deuses exóticos.

Dadas as questões, envidadas atitudes, traçam-se escolhas. Removem-se escolhos. Demovem-se os véus do culto. Tece-se o traçado crítico da cultura. E o próprio culto vira outra usura.

Giovanni Rodrigues

CLIMA

Artes Gráficas e Publicidade LTDA

Rua. Dr. Barata, 216 - Fone: 222-3994-
CEP-59012- Ribeira-Natal/RN

VEREADOR
Juliano Siqueira

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR



Lua cheia

Andava pela praia, a blusa entreaberta, as calças arregaçadas, molhando os pés no refluxo da maré, àquela hora ainda baixa. A lua cheia iluminava o mundo, e a sua luz leitosa ampliava indefinidamente a solidão da noite bonita, encantada. Seu desejo de viver era intenso, mas o Zé jamais lhe dera chance. Até para usar calças compridas, que eram a última moda, teve que discutir, arrancar os cabelos, pedir o auxílio da sogra e das amigas. E assim mesmo o danado do homem ainda resmungava, toda hora que a via arrumada.

Outra vez, naquela semana, Celestina tinha perdido o sono, a cabeça pesando nos ombros, cheia de preocupações, o coração inchado de tristeza. Sozinha, ao luar, reconfortava-se das amarguras da vida; tentava esquecer o desgosto de tudo quanto lhe estava acontecendo.

O que sucedera ao Zé – que Deus a perdoasse! – tinha sido bem feito. Porém mais que ao enfermo, prostrado como um inútil

em cima da cama, a ela própria afetara. Tão moça, tão desejável!...e, no entanto, reduzida àquela pinóia de vida, àquele imobilismo inconseqüente, a uma solidão sem

desencarnava.

Sob o halo encantado da lua, sentindo-se pequena, ínfima, sozinha, novamente teve ganas de arrancar os cabelos, maldizendo com fervoroso

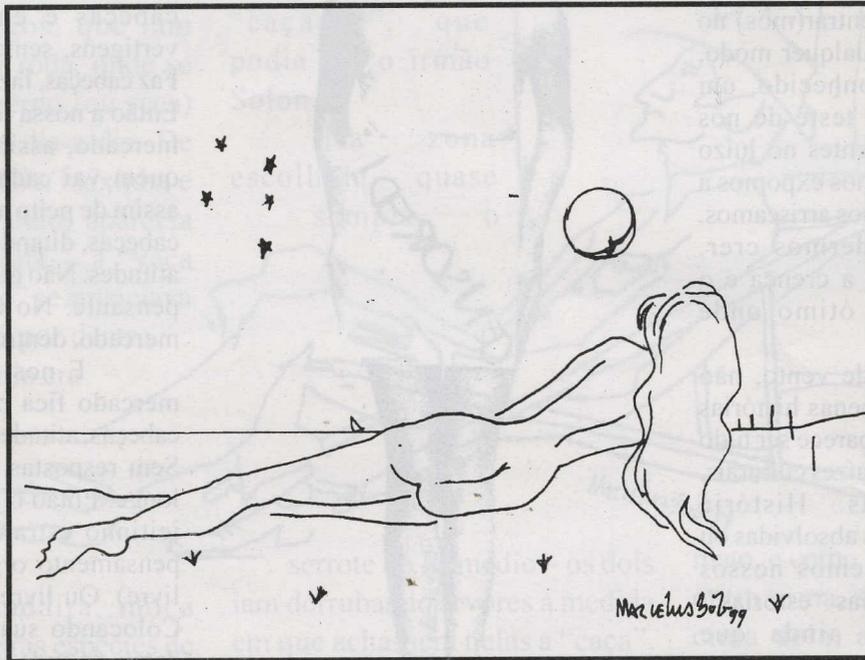
ódio aquela situação que se prolongava além da conta. A enfermidade do Zé, que lhe trouxe uma súbita mudança na vida, tornava-se crônica – o médico enfatizara -, e, em sendo assim, podia se transformar em doença incurável. Então, o que ia ela fazer?!

Havia mais de ano que o Zé tinha sido encontrado literalmente rebentado, boiando

cheio de pústulas, coberto de ciscos e conchas marinhas, entre os rochedos da costa e o mar aberto. Achado pelo pessoal de uma jangada que regressava da pesca em alto mar, ele ia sendo levado pela corrente, as roupas, infladas de ar, lhe servindo de vela. Uma sorte aquilo ter acontecido. Pescaram o Zé com o bicheiro de bordo e o soergueram para cima do lastro.

– É Zé Felipe – um deles o reconheceu. – Mas o homem tá morto!

– Ah! Esse camarada tava sumido! Vá ver que caiu do penhasco.



apelo.

Devido ao seu visível estado de necessidade, àquela excitação de mulher nova, sem homem, já transparente em seus olhos, já estampada em seus gestos, em seu riso nervoso e até na própria cara, os amigos do Zé deram de lançar olhares lascivos pra seus seios e coxas e até lhe instigaram a vaidade feminina com galanteios e cantadas. Ela, porém, se segurara. Precisava honrar seu matrimônio, respeitando o marido infiel, mas enfermo, enquanto o traste inútil não

SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

VEREADOR PT

OLEGÁRIO
MANDATO VIVO

Também só veve bebo!

E então o amarraram ao mastro, para que não caísse, e o trouxeram de volta, com todo o cuidado. No meio da viagem o homem estremeceu. Arrotou um ácido fétido, esverdinhado, mexendo depois com as pestanas, dando sinal de vida.

-Co'os diabo! – alguém pronunciou. – O homem enviveceu!

-Mas inchado assim como está? Pois eu jurava que tava morto. Pro mode eu acho que tá apodrecendo!

-E tá! Óia só a catinga!

Levado para casa e entregue a Celestina e aos seus parentes, Zé Felipe não sarou totalmente, mas sobreviveu. A princípio Celestina animou-se com o regresso do marido ao lar, depois compreendeu que não era negócio cuidar de um morto-vivo, que só mexia com os lábios e revirava os olhos para pedir o que comer.

De noite, tateando no escuro, Celestina se levantava para se certificar que o Zé respirava. Mergulhado na treva, Zé Felipe dormia, ressonando como uma criança. Então Celestina ia até o comutador da luz e a acendia. Falava com o marido, que parecia entender o que lhe dizia ou perguntava. Dava-se, então, por satisfeita, e voltava ao seu lugar. Era naqueles momentos que Celestina gozava algum sossego, porque durante o dia, de manhã à noitinha, a casa se enchia de gente, principalmente da parentela e dos amigos de farra do Zé. E ele parecia gostar do furdunço, porque revirava o branco dos olhos e sorria como

um bebê, fazendo aviãozinho com os lábios.

Naquela noite, aborrecida com a doença do marido, chateada com a vida, Celestina saíra praia afora a passear, sozinha. Sob o halo fantasmagórico do luar, a praia parecia inteiramente branca, as ondas prateadas. Uma sensação de mistério e de irrealidade apoderou-se dela. Na faixa de rebentação as vagas quebravam, desfeitas em aljofre, em espumas e rendas. Do meio das ondas alguém chamava, acenando e pronunciando-lhe o nome. Era uma voz antiga e memorável, uma voz de mulher, de alguém a quem estimava. A princípio ela ficou sem compreender, porém depois atendeu ao apelo e se dirigiu ao encontro da pessoa que acenava e chamava. Não podia ser outra, senão a avozinha, que, àquela hora a convidava ao banho. Foi invadida por uma súbita alegria. Enquanto penetrava nas águas revoltas, que a puxavam para o fundo, Celestina ia se desfazendo das vestes, atirando-as pro ar. Sentia uma indescritível sensação de leveza e de liberdade. Uma onda maior carregou-a em seu refluxo. Havia um turbilhão de negrura na espiral do caldeirão. Ela girava, descia e subia, olhando para todos os lados, procurando a avó. Mas não a encontrava. Sob a luz da lua cheia a natureza tornava-se plácida, silenciava. Longe, muito longe, Celestina ouvia o rumor do mar se espraiando na costa. Depois nada mais escutou.

O dia amanhecera como um dia qualquer, porém trazia consigo a marca dum acontecimento inusitado. A notícia corria, de uma ponta a

outra, a cidade. O corpo nu ficara encalhado nas pedras, e a mulher parecia dormir. Tinha um jeito suave de quem sonhava. De longe chegava gente para ver. Principalmente homens. Postavam-se diante da morta, tristes, penalizados. Uns deles olhavam a face bonita da morta, seus cabelos negros, molhados. Examinavam tudo e iam embora. O último a chegar foi o delegado. Homem experiente, logo percebeu que a maioria só se interessava em olhar a rosa do pubis de Celestina. Murcha, ao sol despetalava. Então ele tirou seu paletó e o entregou a alguém ordenando que a cobrisse, que a protegesse dos olhos lúbricos e cobiçosos que a miravam.

-É, foi suicídio – pedagogicamente alguém explicava – Não sabia viver sem o marido, a quem amava. Quando ele adoeceu, ela perdeu a graça, entregou-se à tristeza...

-Homem sem sorte, o miserável – um desconhecido disse, com rancor.

Outro pronunciou:

-Coitada! Tão moça! Tão bonita! E assim acabada.

-Foi suicídio não – um terceiro interveio. – Foi o malefício da lua. Essa noite a lua estava cheia.

-É pode ser – o grupo concordava.

*Nilson Patriota**

(Escritor e membro do Conselho Estadual de Cultura*

O MITO É A LENDA EM MOVIMENTO.
A LENDA É O MITO GEOGRAFICAMENTE
IMÓVEL. O MITO É UNIVERSAL, A
LENDAS É LOCALIZADA.

Luís da Câmara Cascudo
Folclorista e historiador



O Potiguar



Praia do Meio e Pirangi na década de 50



HIPÓCRATES
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)

ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)

CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- Colégio Hipócrates Zona Sul
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio
Alameda das Mansões, s/n - Candelária
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- Colégio e Curso Hipócrates
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular -
"A Equipe que mais Aprova"
Rua Jundiá, 421 a 432 -
Fone: (084) 221-4488

- Colégio Hipócrates Ponta Negra
Ensino Fundamental e Médio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do
Restaurante Tábua de Carne
- Colégio Hipócrates - João Pessoa
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
UNIDADE I - EPITÁCIO
Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294
UNIDADE II - BESSA
Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811
- Colégio Hipócrates - Zona Norte
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947